



jan morris

alegori-  
zações

quase nada  
na vida é apenas  
o que parece

*tradução*  
Raquel Mouta

LISBOA  
Tinta-da-china  
MMXXIII

# Índice

© 2023, Jan Morris  
e Edições tinta-da-china, Lda.  
Palacete da Quinta dos Ulmeiros  
Alameda das Linhas de Torres, 152, E. 10  
1750-149 Lisboa  
Tel: 21 726 90 28  
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título original: *Allegorizings*  
© 2021 by Jan Morris

Título: *Alegorizações*  
Autora: Jan Morris  
Tradução: Raquel Mouta  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Junho de 2023

ISBN: 978-989-671-748-3  
Depósito Legal n.º 514309/23

<i>Ante mortem</i>	II
I. EXCEPTO TALVEZ UM GATO...	
A idade da inocência?	17
No meio da realidade	20
Amor entre os provérbios	23
Cidade transcendental	27
Hipocondria	31
O viajante	33
Mensagens do Bloomsday	36
Uma pecadora padroeira	42
2. TRÊS NAVIOS VIERAM	
Navios da juventude	51
Nós contra os Outros	57
O peleiro	62
Estilo na adversidade	66
O âmago ou a alma?	68
Um homem num bar	70
O Nijinski da gramática	75
Escoceses num comboio	77
O paraíso algures	79

### 3. VINGAR-SE COM PRESUNÇÃO DA GENTE FELIZ

Rumo à Maturidade!	85
Prazeres dos navios a vapor	87
Lealdade invisível	91
Sonhar sonhos?	96
Oh, Manhattan!	103
Viagens com um cão velho	111
O herói	117
Espirrar	120
Uma noite à beira-mar	123

### 4. COMO DEUSES E HERÓIS

O cruzeiro do <i>Geriatrica</i>	129
Toma lá a tua camisola, rapaz!	133
Americanos num comboio	141
O carácter da <i>marmalade</i>	144
O poeta	146
<i>Bouillottisme</i>	150
Viagens conceptuais	154
Todas as artimanhas	163

### 5. ESTÃO A VER AQUELA PERSONAGEM VETUSTA?

Envelhecer com relutância	171
Cair	174
O director administrativo	177
Ibsen	181
Ah, Califórnia!	184
O montanhista	186
A bordo de um ícone	190
Na Terra da Longa Nuvem Branca	197
Uma ponte para nenhures	202
Sexo e outras coisas que tal	205
Dos assobios	208
Dos beijos	210
Em defesa dos palavrões	213
Da bondade	216
<i>Post mortem</i>	219

Este livro é dedicado por amor e  
divertimento alfabéticos

a

Y MORYSIAD

À amiga de toda uma vida

ELIZABETH

Aos nossos filhos

MARK, HENRY, SUKI, TWM e VIRGINIA

Aos nossos netos

ANGHARAD, BEGW, DYDDGU, GWION, JESS,  
MEILYR, RUBEN, SAM e TUDWAL

E também a IBSEN, o Gato Norueguês da Floresta

## *Ante mortem*

Há muitos, muitos anos, eu e a minha Elizabeth perdemos uma filha, apenas com algumas semanas de idade, que se chamava Virginia. Pouco tempo depois, a minha dor foi parcialmente mitigada pela chegada de alguém que a substituiu, por assim dizer, na pessoa da sua irmã mais nova, a Suki, alegre como um carrossel e um deleite para mim desde então.

Não obstante, para mim foi sempre uma tristeza nunca ter sabido como seria a Virginia, e na velhice, sentindo insinuar-se a mortalidade, decidi escrever à minha filha uma série de cartas de nobres intenções, à semelhança das que Lorde Chesterfield dirigiu ao filho. No entanto, quanto mais pensava no projecto, mais sentencioso me parecia, e mais eu duvidava das minhas competências para o escrever. Acabei por perceber que, se tinha princípios morais a declarar, eram extremamente simplistas. Em primeiro lugar, a importância suprema da bondade como guia universal para a vida e que ultrapassava todos os disparates da religião organizada; em segundo, a convicção de que quase nada é apenas aquilo que parece — tudo é, de facto, uma alegoria.

O resultado seria uma breve obra didáctica, por isso abandonei o projecto, e estando em todo o caso quase a tornar-me octogenária, disse a quem me quisesse ouvir que não ia publicar mais livros. Quase toda a gente sorriu com indulgência, mas eu estava a falar a sério. Contudo, ao longo dos anos que se sucederam, continuei a escrever artigos de carácter geral, palestras, meditações, artigos de viagem e ensaios de natureza diversa; e, quanto mais avançava na velhice, mais me parecia, olhando para trás, que todo aquele material possuía uma certa unidade crepuscular.

Ainda que apenas entre linhas, reparei que o unia uma vaga mas omnipresente figura de estilo. Estava certa quanto ao meu segundo princípio moral: andava sempre em alegorizações!

Ver alegorias em coisas, ou transformá-las em alegorias, nem sempre foi admirado. Os teólogos medievais, por exemplo, acusavam os heréticos de alegorizar as sagradas escrituras, tal como os académicos modernos transtornam os fundamentalistas por verem quase toda a Bíblia como uma alegoria. Quanto a isso, a alegoria em si tem os seus opositores, especialmente enquanto figura de estilo. No *Oxford Dictionary*, define-se «alegoria» em tom desapassionado como «a descrição de uma coisa sob o disfarce de outra coisa que apresente uma semelhança adequadamente sugestiva», mas é fácil disfarçar o conhecimento parcial, ou o raciocínio confuso, ou a falta de inspiração, como expressões de alegoria. Robert Musil definiu certa vez os escritores com um fraquinho pela forma como pessoas que «imaginam que tudo significa mais do que, com toda a honestidade, podem afirmar que significa».

Eu sou uma dessas pessoas. Há muito que tive o pensamento de que a minha própria vida era uma longa alegoria, e quanto mais envelheço, mais se reafirma essa convicção. No entanto, não foi nada que tivesse alimentado. Apanhou-me simplesmente de surpresa. Alguns dos temas literários da minha velhice sempre foram em parte alegóricos — a América, por exemplo, e os comboios. Alguns são subtilmente matizados com alegoria. Outros revelam ser alegorias quando penso neles. Outros ainda, tenho de admitir que imaginei que significassem mais do que, com toda a honestidade, podia afirmar que significavam. E outros ainda emanam mais da analogia do que da alegoria. Mas vejo agora que, em quase todos eles, sejam alegorias de um ou de outro tipo, a crença de que, na vida, quase todas as coisas possuem múlti-

plos significados afectou subtilmente as minhas percepções e ampliou a minha visão. Ortega y Gasset sugeriu que todos carregamos às costas, sob a forma de um rolo de película (este autor viveu na era pré-digital), o legado da nossa vida inteira. A minha experiência, ao entrar na casa dos oitenta, foi de começar a rever essa longa exposição com um novo interesse: e assim detectei, especialmente nos anos mais tardios da película, esta preocupação com o figurativo.

É à medida que ia crescendo em mim o gosto pela alegoria, também crescia a convicção da sua derradeira importância. Como acontece à maioria das pessoas conforme envelhecem, também eu brinquei com teorias sobre o Significado da Vida, a religião e tudo o resto, e cheguei à conclusão de que está tudo completamente fora do nosso alcance. Não nos é possível, nem nunca foi, saber a verdade quanto aos grandes imponderáveis da vida e da morte. Os séculos de debate teológico foram, lamentavelmente, uma perda de tempo, e de nada serve fingir que a fé religiosa é mais do que disciplina e consolo, e que é sustida pela vontade de acreditar.

Só que... tal como os académicos cristãos explicam a Bíblia e os milagres nela contidos como sendo puramente metafóricos, e sem dúvida que muitos membros piedosos da Igreja racionalizam de igual forma as suas crenças no inacreditável, talvez todo o enigma da existência, todos os mistérios da criação, a Via Láctea e os tatus, a arte e a matemática, até mesmo o amor e o ódio, até a perda de um filho — talvez toda esta maldita confusão não passe ela mesma de alguma espécie de alegoria majestosamente impenetrável.

De qualquer forma, ao longo dos anos fui compondo este livro. Tendo em conta a minha vida peripatética, organizei-o em torno de um tema de viagens; e como era um livro em constante evolução, por assim dizer, ao qual iria acrescentar pormenores, artigos

e reflexões para o resto da minha vida, sugeri aos meus editores que talvez fosse preferível publicá-lo a título póstumo. Por isso, embora esteja a escrever estas palavras num dia soalheiro de Primavera, no País de Gales, e veja cordeiros pela minha janela e a Elizabeth me esteja a chamar neste preciso momento para almoçar, quando me lerem já terei partido!

*Trefan Morys, 2009*

# 1

## Excepto talvez um gato...

### NOTA DO EDITOR

A maioria dos textos incluídos neste livro foram escritos antes ou no ano de 2009. Os quatro textos que ocupam as páginas 205-215 foram escritos em data ligeiramente posterior e apresentados à Faber em 2013.



## A idade da inocência?

Diz-se muitas vezes que a infância é a idade da inocência. Mas não se acredite nisso. Ninguém é mais matreiro, mais calculista e, frequentemente, mais enganador do que uma criança humana (excepto talvez um gato, por trás de cujo ronronar mais amigável se pode esconder uma maldição...). O leitor nunca viu o olhar malévolo de um bebé quando, pela quinta vez seguida, atira a roca para fora do carrinho pelo simples prazer diabólico de fazer com que a mãe o apanhe? É o Truque da Roca, o mais antigo que se conhece. O pecado original teve origem nos bebés, e a semente da maldade é-lhes inata.

Passei recentemente uma tarde sem fazer nada de especial na esplanada de um café da Piazza Unità, em Trieste. Aquela praça é um dos melhores parques infantis da Europa, onde as crianças podem jogar à bola, brincar com os seus carrinhos de bebé, fazer as primeiras tentativas de andar de *skate*, tudo no meio dos memoriais e da arquitectura pomposa da cidade.

Naquela tarde, houve duas crianças em particular que me interessaram. Um menino dos seus sete ou oito anos tinha um par de patins novos e dava voltas sibilantes à praça, de forma precária mas ostensiva, perseguido por onde quer que andasse por uma irmã mais nova que o adorava, uma irmã desejosa de desempenhar algum papel naquela aventura. Para onde quer que ele fosse a silvar, lá ia ela atrás dele a cambalear. Sempre que ele caía, lá estava ela para o ajudar. Mas será que ele apreciava a lealdade da irmã? O tanas que apreciava! O rapaz só queria humilhá-la.

Não tinha mais de sete ou oito anos e só queria humilhá-la. É o chamado Expediente de Esmagamento.

A outra criança que me chamou a atenção ainda mal conseguia andar, e imagino que ainda nem dois anos devia ter. Já tinha passado a idade da técnica do Truque da Roca. Ainda era muito novo para Esmagamentos. Mas, de cada giro em passo incerto à volta da praça pela mão de um progenitor indulgente, reparei que ele voltava com um olhar calculista e mordaz. Mal o miúdo se instalava no colo de alguém, assim que esse alguém dava um golo no *cappuccino*, mal o miúdo aceitava petiscar uma bolachinha ou um torrão de açúcar, lá voltava ele a contorcer-se, e a estorcegar-se, e não parava quieto, privando os pobres pais do breve momento de sossego que tanto lhes custara a conseguir.

Trata-se do Ardil da Caminhada, e com um suspiro os pais sucumbiam sempre ao dito. No decurso daquela longa tarde, andaram com ele, com breves interrupções, por vários sítios da *piazza*, até que o sol se começou a pôr no Adriático e chegou a hora de o pequeno Angelo — que não parava de dar pontapés, e risadinhas, e de pôr de esguelha o boné de basebol — ser levado para a cama, vitorioso. Ganhou uma vez mais. É o que costuma acontecer aos miúdos como ele.

A infância, tal como o passado, é um país estrangeiro. Na China, há a prática sensata de atar as crianças pequenas umas às outras com um cordel para atravessar locais públicos, e um dos fascínios de viajar na China consiste em observar cada carinha, uma atrás da outra, a erguer os olhinhos para nós com um sorriso doce quando passamos por elas. Doce mas estranhamente perturbador, porque se continuarmos a olhar para aquelas crianças veremos que o sorriso cativante de inocência desaparece no instante em que deixam de olhar para nós — e é ligado, como se de um aparelho eléctrico se tratasse, pela criança seguinte da fila.

É como se aquelas crianças fossem uma só e todas contribuíssem para uma qualquer subversão conivente — cidadãos de travessuras oriundos de alhures, à semelhança das cabras.

Pode não se tratar realmente de pecado original, mas a travessura original é inerente às crianças (tal como às cabras) e distingue-as de nós. É uma glória e um privilégio que lhes pertence. Acho que os ícones cristãos menos convincentes são os que apresentam o Menino Jesus como um protótipo do comportamento recatado, nos quais olha para nós do colo de Nossa Senhora sem pensar minimamente em berrar por sustância dos generosos seios da mãe, quanto mais em dar-lhe um puxão com os dedos rechonchudos. Um bebé completamente divino talvez não tivesse semelhantes impulsos na cabeça, mas, afinal de contas, o Menino Jesus também era humano.

Seja como for, poderá perguntar quem me lê, porque sou eu tão versada nestes truques e ardis da infância? Ora, porque ajudei a criar cinco filhos e filhas, e observei as manobras de oito ou nove netos. Além disso, a dada altura, eu própria fui criança.

## No meio da realidade

Certa noite, já tarde, dei por mim num sítio deserto a uns quinze quilómetros de Charleston, na Carolina do Sul. Ali, um trio de anjos, sob o disfarce de duas irmãs e um menino de três anos, de uma tagarelice encantadora, que dava pelo nome de Graham, observou-me quando eu me perguntava já rabugenta como raios ia encontrar um táxi para voltar para a cidade. Arranjaram-me logo espaço no carro e levaram-me rápida e directamente para o hotel. «Obrigada pela boleia, Graham», disse eu quando nos separamos. O menino respondeu-me de modo cortês, mas, não sendo eu fluente em americano carolinense de crianças de três anos, por mais que me esforçasse não percebi uma palavra do que ele disse.

Quando falei a um conhecido meu daquela intervenção angélica, ele disse-me: «Oh, não é nada de invulgar, toda a gente é muito simpática cá em Charleston.» Na verdade, nem sempre foi assim, como bem me lembro de quando visitei a cidade pela primeira vez, nos anos 50, no apogeu da segregação e do racismo do Sul, mas agora parecia ser mesmo verdade que a cidade americana com mais classe descobrira, por assim dizer, a amabilidade.

Era domingo de manhã, e as encantadoras ruas da cidade estavam imaculadas, os cidadãos eram todos sorrisos, e até os cães pareciam meticulosos, quando me encaminhei para o serviço matinal da Igreja Episcopaliana de St. Michael. Devia mesmo ter ido a algum sítio mais radical. Devia ter ido a uma igreja católica para ouvir dizer que era pecado votar num político pró-aborto. Devia ter-me juntado a uma congregação evangélica para receber uma dose de fundamentalismo de direita. Mas escolhi a igreja de St. Michael com a certeza de que naquele esplêndido templo do

século XVIII ninguém seria muito radical em nenhum dos sentidos, e tinha razão. O serviço pareceu-me um exemplo perfeito do comedimento americano. Houve um mínimo de arrebatamento fosse de que tipo fosse, não se falou de política e o sermão do reverendo Richard Belser foi uma parábola exemplar sobre relações maritais.

A congregação estava vestida de forma discreta, como seria de esperar, era versada no ritual e não foi de todo efusiva durante as boas-vindas. A música era boa, e adorei encontrar aconchegado no meu livro de hinos o programa impresso de um casamento que tivera lugar havia pouco tempo naquela igreja, com uma lista em itálico antigo dos nomes dos sete Amigos do Noivo, da Menina das Flores, dos dois Anfitriões, das Madrinhas da Noiva e do Menino das Alianças (Howard Wilson Glasgow IV, filho de Howard Wilson Glasgow III, um dos Amigos do Noivo). Haverá coisa mais tranquilizadora?

E quando saímos para o sol, também Charleston quase parecia uma maquete propagandística de uma cidade americana. No mercado, havia um bulício animado, ao largo os iates deslizavam na água, era evidente que por ali circulavam margaritas e, no meio das lentas multidões, não eram poucos os casais inter-raciais — imagine-se só, ali num dos maiores portos de escravos, com vista para o Forte Sumter, onde teve início a Guerra Civil! Parecia um sonho. Apresentaram-me uma das casas mais lindas da beira-mar, que estava a ser restaurada, e a proprietária e a mãe estavam à minha espera como num quadro de Winslow Homer, na varanda, completamente iluminadas pelo sol, por sobre o mar cintilante.

Não falaram de política. Não falaram do estado da União. Disseram-me como eram encantadores os seus trabalhadores interétnicos, e falaram-me da habilidade e da dedicação dos artesãos de Charleston. Não ficaram minimamente surpreendidas

quando lhes falei dos meus anjos salvadores. Tinham uma cadela cega chamada Chloe. Deram-me chá gelado e, quando me despedi delas, estava não exactamente jubilosa, como poderia ter dito o reverendo Belsen, mas decididamente reconfortada por descobrir este enclave do ideal no meio da realidade.

## Amor entre os provérbios

Os provérbios são, por assim dizer, as frases feitas da alegoria. Uma das preferidas do lorde «Jacky» Fisher, almirante e um virtuoso das frases feitas do início do século xx, era: «A Mariinha britânica viaja sempre em primeira classe», a qual ele próprio citava com regularidade sempre que dava entrada em mais um *spa* da moda. Recebi condicionamento semelhante durante os meus anos de adolescência quando era oficial do 9.º Regimento de Lanceiros da Rainha do Exército britânico. No fim da Segunda Guerra Mundial, quando não nos andávamos a sujar nos nossos tanques velhos e emporcalhados, fazíamos por comer nos melhores restaurantes e ficávamos nos hotéis mais finos.

Em nenhum outro lugar honrámos com mais lealdade o provérbio do lorde Fisher do que em Veneza, onde tirámos alegremente o maior partido do nosso estatuto de membros de um exército ocupante e vitorioso. Muitos dos melhores hotéis passaram a ser os nossos clubes de oficiais, os restaurantes mais caros tinham gosto em aceitar a nossa moeda imensamente sobrevalorizada (que muito provavelmente havíamos adquirido vendendo cigarros no mercado negro). E em especial, dado que todos os barcos a motor da cidade haviam sido requisitados pelos militares, andávamos para cima e para baixo no Grande Canal, passávamos por baixo da ponte do Rialto e íamos até ao Lido, que nem jovens príncipes bafejados pela sorte.

Isso aconteceu há muito tempo, e desde então já voltei a Veneza pelo menos umas cem vezes. Nunca me esqueci da máxima de Fisher, e até certo dia do ano de 2004 nunca por uma só vez a ignorei ao ponto de apanhar sequer um *vaporetto*, um

autocarro aquático, da estação de comboios até ao centro da cidade. Já não havendo barcos a motor passíveis de serem requisitados, chamava invariavelmente um dos táxis aquáticos, de isolamento confortável e verniz impecável, os quais, por um valor infame, me levavam rapidamente, sem a mínima maçada, até aos cais do meu hotel.

Elizabeth, a minha companheira, não foi sujeita às mesmas influências na adolescência. Passou os anos de guerra como marinheira no serviço naval feminino, a descodificar sinais numa sala de guerra subterrânea, a alimentar-se de feijões guisados e do horrível chá doce da cantina. Mas já fora comigo a Veneza dúzias de vezes, e pensei que já a teria iniciado no meu próprio estilo fisheriano de viagem. No entanto, da última vez que lá estivemos ela revelou-se inesperadamente retrógrada. «Oh, Jan», disse ela quando a apressava para a fila de táxis, ignorando o *vaporetto* latejante no seu cais. «Oh, Jan, porque tens de ser sempre tão extravagante? Que mal tem o *vaporetto*? Toda a gente anda nele. O bilhete custa uma porção ínfima do preço do táxi. E qual é a pressa? O que queres provar? Não andamos a nadar em dinheiro, sabes? O que pretendes com isso?»

«A Marinha britânica viaja sempre...», comecei a dizer, mas ela interrompeu-me com um provérbio da sua preferência. «No poupar é que está o ganho», replicou em tom presumido. Está bem, disse para mim mesma, e também ao lorde Fisher, o que interessa é ter sossego na vida: e carregando com a nossa bagagem na escuridão crescente, aos tropeções, todas atrapalhadas à procura do troco certo, a deixar cair coisas por todo o lado e de bilhetes presos nos dentes, lá subimos como pudemos a prancha para o convés já pejado de passageiros.

Lá seguimos em pé durante três ou quatro dias, um período que pareceu roçar a eternidade, enquanto a embarcação avançava pesadamente pela escuridão do Grande Canal, parando

em todos os cais disponíveis com uma marcha-atrás ensurdedora, atirando-nos de um lado para o outro com trepidações, sons estridentes e solavancos, enquanto íamos coladas a dez mil outros passageiros na popa fria e ventosa. Quando desembocámos finalmente no cais abaixo de São Marcos, com ar de quem desembarca na praia de Omaha, a Elizabeth virou-se para mim com uma expressão satisfeita. «Pronto, estás a ver? Não foi assim tão mau, pois não? Pensa no dinheiro que poupámos! Ao fim de tantos anos, aposto que nunca mais vais apanhar um daqueles táxis exorbitantes. Vintém poupado, vintém ganhado.»

Mas disse esta máxima sem sentido tarde demais. Quanto mais alto se sobe, quase lhe disse eu, maior é a queda. Ali naquele cais, de sacos pendurados ao ombro e rodeadas de malas, eu descobrira entretanto que, na viagem de *vaporetto* da estação de comboios até ali, alguém roubara a carteira que continha toda a nossa riqueza material, além de todos os cartões de crédito que possuíamos. Lá nos arrastámos até à esquadra para participar a perda, e quando já estávamos sentadas àquela luz ténue no meio de um pequeno ajuntamento melancólico de desgraçados e inúteis, como eu me arrependia de ter ignorado aquele fisherismo! Aposto que a Elizabeth também, embora fosse orgulhosa demais para o admitir.

Não cheguei realmente a dizer: «Quem poupa no pouco, gasta no muito.» Nem sequer murmurei entredentes aquilo de viajar em primeira classe. Nunca se atinge uma mulher quando ela está em baixo, disse para mim mesma. A virtude é a sua própria recompensa — e acabou mesmo por ser recompensada. Não voltámos a ver aquela carteira, mas os *carabinieri* foram tremendamente atenciosos, e disseram-nos que lamentavam, e garantiram-nos que nenhum veneziano podia ter feito semelhante coisa — devia ter sido um daqueles albaneses — e mandaram-nos embora completamente reconfortadas,

e também com alguma pena deles, na verdade, de tão palpável que era o seu sentimento de vergonha cívica.

E meia hora mais tarde, emocionalmente exauridas por uma razão ou por outra, demos por nós à porta do Harry's Bar, um estabelecimento que passei a frequentar desde aqueles gloriosos dias de vitória, quando era jovem e descontraída, como disse Dylan Thomas, e o Tempo me deixava saudá-lo e trepar. Com Jack Fisher metaforicamente a nosso lado — ele teria adorado o Harry's Bar —, empurrámos a porta giratória e contámos a nossa história triste às pessoas que estavam lá dentro.

Imaginem só! Ofereceram-nos o jantar (lagostins e vinho branco, e, à sobremesa, *zabaglione*) só para nos animar. Pelo menos desta feita, os nossos provérbios não entravam em conflito. Há males — concordámos, os três ali sentados no calorzinho do nosso recanto de primeira classe — que vêm por bem.

## Cidade transcendental

A complexidade é, naturalmente, um aspecto da alegoria, razão pela qual sempre que passo por França tento fazer uma paragem em Tournus. Entre outras coisas, gosto do nome da cidade — não é uma daquelas toponímias acumeadas, mas sim dura e atarracada. Também gosto do tamanho desta urbe, com os seus cerca de 7300 habitantes. Gosto da posição que ocupa no mapa, na extremidade inferior da Borgonha, a meio caminho entre Paris e Marselha. Mas aprecio, acima de tudo, a complexidade sugestiva do seu carácter francês.

À primeira vista, tem apenas o que se pede de uma pequena cidade francesa. Tem o rio Saône e, como mandam os estatutos, uma ponte, plátanos podados e ociosos pescadores à linha nos cais, onde está convencionado que não apanham nada. Lá perto passa uma auto-estrada, e na cidade existe um restaurante famoso, um *hôtel de ville* adequadamente pomposo e uma igreja com dois torreões, inúmeros contrafortes e uma arrogância austera, a abadia de Saint-Philibert. À semelhança de muitas outras cidades francesas, Tournus situa-se numa confluência, para onde convergem antiquíssimas rotas comerciais. Actualmente, o tráfego fluvial é quase todo ele constituído por embarcações de lazer, mas de vez em quando uma barça pesada deixa uma esteira de espuma por baixo da ponte, com o carro do capitão acondicionado na popa, relembrando o comércio fluvial que já dura há mil anos. Todas as manhãs, um célere e majestoso rumorejar proclama a passagem do TGV com destino a Lyon e, a alguns quilómetros de distância, ao longo da auto-estrada, camiões e carros afluem para a cidade como faziam as legiões do passado.

Mas, para mim, o fascínio desta cidade é mais elementar do que a convergência — de facto, é mais uma questão de metamorfose. Tournus alonga-se na margem ocidental do rio, e, quando a contemplo da margem oposta, a princípio parece bastante fácil de compreender. No cimo da cidade, a norte da ponte, a massa altaneira do bairro da abadia confronta-me com os seus torreões protectores, um enclave cheio de confiança em si mesmo que no passado albergou todas as estruturas de um influente mosteiro beneditino e continua a parecer sólido, privilegiado, com as suas espaçosas casas e jardins a estenderem-se até ao rio. É a cena que se espera da Borgonha, perfeita para ser bordada por damas da corte.

À esquerda, no entanto, abaixo da ponte, inesperadamente a cidade estende-se ao longo da margem do rio de modo muito menos irreduzível ou típico de uma tapeçaria, e a ousada silhueta degrada-se numa confusão ornamentada de telhados e chaminés, numa quase anarquia, como se uma cidade, ou uma cultura, se tivesse de alguma maneira transformado noutra.

Esta sensação confirma-se quando atravesso o rio e passeio pelas ruas. Parto do bairro da abadia, que é realmente de uma disciplina admirável (excepto quando turistas desgrehados vindos de um autocarro lotado, ou bandos de crianças em idade escolar, são arrebanhados em direcção àquela grandiosa igreja). As lojas são de artesanato, de antiguidades, são galerias e cesteiros; vêem-se homens de ar erudito mergulhados em conversas; o tal restaurante famoso encontra-se neste bairro, bem como o meu hotel preferido de França. É possível que se ouça música tradicional sóbria vinda de uma sala de ensaio em algum primeiro andar — ou até mesmo madrigais de damas da corte?

Mas a sul da abadia, passando a ponte, as coisas depressa mudam. É música *rock* que sai aos berros de carros parados nos

semáforos. As mulheres vêm à janela sacudir os panos do pó. Velhotes excêntricos e irritadiços falam sozinhos em bares. Abundam os cafés e as espeluncas que vendem *kebabs*. No meio da praça Carnot, está estacionada uma rulote que serve crepes durante todo o dia, e ao sábado há um mercado que ocupa a cidade a todo o comprimento, de modo serpentino, as vielas cheiram a queijo, salsicha, caril e ramos de flores, e por trás do *bôtel de ville* dois peruanos de traje tocam harmonias andinas fúnebres nas suas flautas.

As próprias estruturas parecem mudar, à medida que descrevem curvas sinuosas pelas ruas adiante. Certamente algo acontece à arquitectura? O contorno dos telhados torna-se mais irregular, predominam as telhas avermelhadas, aparecem varandas fechadas com vidros, portadas de um azul vivo, escadas externas e beirais salientes. Entretanto, já se vêem algumas pessoas negras, e árabes, e à semelhança do que acontece com os telhados, com as cores, pouco a pouco, enquanto vou passeando, sinto que eu própria vou mudando — relaxo, descerro os dentes, às vezes até chego a assoviar uma melodia enquanto vou caminhando.

O que se passa? Os agentes publicitários dizem que o Saône, ao atravessar Tournus, se entrega ao *appel du Midi*. Ao que parecia, também eu atravessara uma qualquer fronteira invisível e me entregava ao chamamento libertador do Sul.

É este o fascínio picante, ou talvez picaresco, que me faz voltar tantas vezes a esta cidade. Tournus é uma espécie de cidade fronteira, mas no meio de uma nação. Aqui, uma França beija outra! A meu ver, a montante da ponte é tudo inequívoco e lógico, mas a jusante tudo fica esborratado em termos estéticos — como se, no meu passeio, tivesse saído do realismo e entrado no impressionismo. Os tais sentimentalistas cívicos afirmam que, quando o Saône inunda as margens, o que é frequente, não

está a castigar a cidade, mas sim a envolvê-la: prefiro pensar que, quando o rio passa por baixo da ponte, celebra, com um manar sensual das suas águas, apenas o *frisson* que também eu sinto ao sair de uma sensibilidade e entrar noutra.

## Hipocondria

A ambígua doença da hipocondria tem prós e contras. Por um lado, é geralmente inofensiva, a não ser talvez no excesso de complacência. Por outro, é incurável, pois não há nada a curar.

É, efectivamente, uma espécie de sonho. Enquanto dormimos, não duvidamos de que um sonho é real, e de igual forma não existe a possibilidade de um diagnóstico errado para aquela dor incómoda na nuca do hipocondríaco — todas as obras de referência a confirmam, da mesma forma que todas as circunstâncias de um pesadelo são absolutamente convincentes.

Num certo sentido, ambos são reais. O mundo dos sonhos *existe*, nem que seja apenas na nossa cabeça, e uma *maladie imaginaire*, embora não seja causada por micróbios ou deterioração, é bastante genuína para quem dela padece. De facto, o paciente pode também genuinamente livrar-se dela com um placebo — tal como se pode consumir um sonho com um orgasmo totalmente disfuncional, pode-se banir uma não-doença com um comprimido absolutamente impotente.

A hipocondria tem certamente os seus prazeres. O atractivo da autocomiseração é naturalmente um deles, bem como o fascínio mórbido de investigar os nossos sintomas nas páginas bem manuseadas daquelas enciclopédias médicas de família. Diz-se que Hemingway, quando fazia um safari, levava um dicionário médico e terá, sem dúvida, passado inúmeras horas de fascínio em comunhão com ele, acompanhado do seu uísque e da lanterna à prova de vento, enquanto as alimárias uivavam na noite.

À semelhança de um mau sonho que acaba, a remissão da hipocondria pode valer pelos desconfortos que dela advêm.



É maravilhoso acordar, não é verdade, e descobrir que afinal de contas não caímos nas mãos da Gestapo, ou que já não andamos desesperados à procura de uns bilhetes de avião que perdemos; de igual forma, com que deleite, com que gozo, nos damos conta de que aquelas pontadas que sentíamos na barriga na semana passada não podiam ser assim tão malignas, pois esta manhã desapareceram por completo!

Não é nada surpreendente que a hipocondria seja conhecida como uma doença de escritores. Os escritores vivem das suas imaginações e, de Voltaire a James Joyce, sempre sentiram fascínio pelas doenças imaginadas. Têm a profissão de contar histórias, e da mesma forma que se deixam muitas vezes levar pelas suas personagens puramente ficcionais, podem perfeitamente ser infectados pelas epidemias saídas das suas cabeças.

Isto significa, é claro, que para pessoas como eu a hipocondria é, quase por definição, crónica. Talvez numa idade extremamente avançada, quando sentirmos definhar todas as nossas capacidades, acabemos por perder a imaginação necessária. Na maioria dos casos, imagino que a doença desaparece, revelando não ser de todo imaginária, mas sim terminal. Então, se tivermos alguma afinidade com Ernest Hemingway, podemos pôr de parte o nosso livro de remédios caseiros, pegar numa arma e suicidar-nos.

Mas, melhor ainda, podemos passar os nossos últimos dias a relembrar as doenças imaginárias mais assustadoras e a contemplar a nossa alegre recuperação de todas elas.

## O viajante

Para um viajante, as viagens das outras pessoas nem sempre são interessantes, mas sempre senti fascínio pelas andanças de Wilfred Thesiger, o explorador mais célebre do meu tempo, que fez a sua última viagem em 2003, quando tinha noventa e três anos. Nunca fui fã incondicional de Thesiger, porque desdenhava das filosofias do autor e considerava que a sua vida era mais embotada do que enriquecida pela veemência com que rejeitava tudo quanto era moderno, mas admirava dois grandes livros de viagens que escreveu, *Pelos Desertos das Arábias* e *Os Árabes dos Pântanos*, e admirava a coragem e a dedicação que o ampararam em tantas viagens pavorosas por lugares primitivos. Thesiger sempre me pareceu uma espécie figurada de viajante.

Este autor chegou muito jovem à conclusão de que, para ele, a viagem era uma imersão em «cor e tudo quanto é selvagem», negando-se a realizar explorações na Europa, nas Américas ou na Australásia, ou até em regiões da Ásia e de África que eram insuficientemente atrasadas. «Exploração», no vocabulário de Thesiger, implicava a descoberta física de lugares em larga medida desconhecidos para forasteiros, e quanto mais deserto ou árido fosse o lugar, melhor era a exploração.

Tanto quanto sei, não se interessava muito pelas artes visuais, afirmava que não tinha ouvido, não possuía convicção religiosa e era conservador em termos de literatura (por acaso, como eu, apreciava particularmente os poemas de James Elroy Flecker). Não lhe interessavam, pois, explorações pelas gloriosas complexidades da civilização. Era a questão pura e dura do desafio físico que o inspirava, e a forma como rejeitava todos os

paliativos contemporâneos assumia um carácter semimístico de renúncia.

Durante a Segunda Guerra Mundial, viu-se obrigado a viajar pelos desertos do Norte de África de jipe, mas afirmava ser incapaz de mudar um pneu porque não sabia para que lado rodavam as porcas, e achava que a simples ideia de viagens mecanizadas pelo deserto é de tal modo irrelevante que, «se deparássemos com o lendário oásis de Zarzura, com que sonhavam todos os exploradores líbios, pouco interesse teria sentido». Parecia achar que a humanidade atingira o seu apogeu antes de surgirem as máquinas com os seus barulhos metálicos, e era na companhia de povos tribais primitivos que encontrava a felicidade.

E também, é preciso dizê-lo, a realização. Por muito cínica que seja quanto às preferências luditas deste autor, reconheço-lhe a coesão artística. Esta pode ter sido distorcida pela aversão obstinada a tudo quanto era novidade, mas dentro dos seus limites possuía uma verdadeira majestade. Thesiger nunca vacilou nos seus preconceitos (excepto na prontidão com que usava a medicina moderna). Acreditava absolutamente neles, e viveu e morreu sendo-lhes fiel.

Thesiger não era bem-parecido (Gavin Young disse certa vez que parecia «um cruzamento entre o derradeiro Grande Caçador Branco e uma viúva andrógina»), mas sempre teve uma tristeza comovente espelhada no rosto, uma expressão reprovadora e alheia — de alguém fadado, talvez. Sobre aquele fantástico nariz adunco, os olhos fitam-nos como se estivessem a ver algo completamente diferente, e a boca cerra-se numa linha séria. Mesmo quando era pequeno, o rosto de Thesiger sugeria um carácter impelido, fixo num único destino, um destino que não era fácil.

Assim — e falo por mim própria — se descobre a santidade. Trata-se, a meu ver, de uma espiritualidade estética. Thesiger

foi sempre leal às suas próprias ideias do que era o bem e o mal, ideias simples mas genuinamente transcendentais. Nunca vacilou na crença de que o moderno *ethos* mecanicista e materialista era mau, e durante quase toda a sua vida não quis ter nada a ver com ele. Praticamente até ao fim, viveu parte do tempo em Londres, mas passou a maioria da vida em extrema simplicidade, no Quênia.

Era a fé de um asceta, mas Thesiger não lhe associava nenhuma divindade. Poder-se-ia pensar que seria seduzido pelas magníficas simplicidades do islão, mas não parece ter dado sinais disso, nem se retirou para um dos seus desertos, como os sábios cristãos de antigamente, para estar em comunhão como um Todo-Poderoso. Pelos vistos, era asceta apenas pelo ascetismo, e na minha opinião esta convicção atingia uma santidade própria. Assim, a longa vida de Thesiger transformou-se em algo de maravilhoso — numa visão, completa e absoluta.

Só estive com Thesiger uma vez, pouco antes de ele morrer. Por essa altura, já ele declinara para a insanidade e parecia estar apenas meio consciente do mundo que o rodeava. Talvez essa doença fosse real no caso dele. Talvez ao longo dos anos o tivéssemos visto como uma espécie de Santo Louco, um artista instintivo da vida, com a cabeça de um inocente e o coração de um herói. Thesiger não gostaria da forma como o estou a julgar, mas eu também não gostava de tudo nele.

# alegori- zações

foi composto em caracteres HoeflerText  
e impresso pela Eigal, Indústria Gráfica sobre  
papel Holmen de 80 gramas,  
no mês de Abril de 2023.

